



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Maiza da Silva Francisco

1

RESUMO

Este artigo, é resultado de um trabalho de pesquisa de Mestrado em Educação intitulado “A Escolarização da População Negra no Brasil: Possíveis Trajetórias, objetiva –se dar resposta o seguinte pergunta: como a educação das relações étnicos –raciais vêm sendo trabalhado no Ensino Médio, no curso destinado a Formação de Professores? Para responder tal questionamento foram analisados os projetos políticos pedagógicos que a Secretaria da Educação do Estado do Rio de Janeiro vem desenvolvendo com o discente. Dentro desse paradigma busco direcionar o olhar para as práticas educativas que são realizadas na instituição de ensino. Ancoramo-nos teoricamente nas pesquisas de Siss (2003), Francisco (2019), Gomes (2005).

Palavras-chave: Escolarização, Educação das Relações Étnico –Raciais, Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

Objetivo deste artigo é refletir sobre como está sendo aplicada a Educação das Relações Étnico -Raciais no curso de Formação para Professores , na modalidade Normal , no Ensino Médio. Tendo como base a legislação 10.639 /2003, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicos –Raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana, Plano Nacional de educação sobre a educação das relações Étnico-raciais , e os Pareceres e Resoluções sobre Educação das Relações Étnico-Raciais.

Entre outros documentos que colaboram para a construção de uma educação pautada na igualdade de direitos entre diversos grupos raciais. Considerando que o curso de Formação de Professores tem como finalidade preparar os (as) discentes para lecionar para a Educação Básica (séries iniciais). Neste contexto, é indispensável que o futuro professor tenha preparação para lecionar para diversos grupos étnico.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. maizafrancisco@gmail.com



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Nesse contexto, a produção e aceção de saberes produzidos na instituição de ensino vem ocasionando uma série de tensões, relacionado a “ concepção abstrata de igualdade, do currículo universal que se alicerçava no mérito e na neutralidade tendo como fiador a visão monocultural das sociedades ocidentais.” (NOGUEIRA, 2012, p.62) .

O ponto de partida para se pensar numa educação que reconheça todas as perspectivas de saberes , seria romper com a ideia do currículo universal , e da concepção abstrata da igualdade , para isso , será necessário a reformulação e adequação do currículo buscando apresentar as culturas que estão submersas e viabilizar os mecanismos culturais, econômicos, sociais que possam reconhecer as diversidades culturais e étnicas, e possa ofertar uma educação que perpassa por uma sociedade múltipla, inserida no processo de cidadania.

Além disso justifica-se a necessidade do corpo docente e pedagógico proporcionar um embasamento teórico sobre a educação das relações étnico-raciais, que dialogue com o currículo escolar e leve em consideração toda a diversidade cultural do nosso Estado brasileiro, que esteja integrado à formação do professor, e amplie esse debate na comunidade escolar por meio de uma nova perspectiva da educação das relações étnico- raciais. Esse novo modelo educacional que trata das diversidades existentes no contexto educacional deve ter como princípio contrariar toda a lógica da reprodução do racismo estrutural e institucional.

Nessa perspectiva, acerca da lógica referente ao tema da pesquisa , foi necessário para a construção deste estudo levantar o seguinte questionamento : como a educação das relações étnicos –raciais vêm sendo trabalhados no Ensino Médio, no curso destinado a Formação de Professores?

Para responder tal indagação, foi essencial analisar, observar , os discentes que frequentavam o curso de Formação de Professores para tanto utilizamos o método de pesquisa qualitativa, sob a ótica de Michael Agrosino (2009) que esse método possibilita analisar as experiências em determinados grupos no seu cotidiano. Além disso, essa abordagem parte da ideia de que métodos e teorias devem ser adequados áquilo que se estuda (...) (AGROSINO, 2009, p. 10).



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Esse método de investigação possibilita “trabalhar com o universo de significados, motivos, valores, aspirações e crenças, que correspondem ao espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização variáveis” (MINAYO, 2002, p. 19). Por outro lado, interpretar, analisar e observar o fenômeno ocorrido na instituição de ensino, essa investigação pode ser entendida como etnografia que “pode ser compreendida como a arte e a ciência de descrever a cultura ou grupo” (GODOY, 1995, p. 28).

Sob esse viés, os pesquisadores Francisco, Francisco, Siss (2019, p.3) argumentam que esse tipo de abordagem “permite que, nos processos de coleta de dados, diferentes técnicas sejam empregadas, como por exemplos a observação dos fenômenos, as entrevistas, a análise documental e outros.” Ademais, utilizamos o recurso de fontes bibliográficas, que reúne fontes secundárias (livros, revistas, artigos científicos) utilizadas como embasamento teórico. Que tem como referencial teórico deste estudo está pautado na discussão no campo das relações étnico-raciais.

RESULTADO DA DISCUSSÃO

A legislação 10.639/2003 tem como princípio a desconstrução de práticas racistas e preconceituosas ao longo da história, tendo como princípios que “as desigualdades raciais ou de gênero, como quaisquer outras, não se inscrevem na lógica da natureza, mas na lógica das relações. [...] São socialmente criados; podem e devem ser politicamente oprimidos” (SISS, 2003, p. 34).

Por outro lado, a aplicabilidade da Lei no curso de Formação de Professores possibilita que o (a) discente possa construir o pensamento a partir do repertório da população negra, no qual apresenta uma cosmologia de construção do mundo a partir das lentes e histórias dos povos africanos, respeitando as diferentes experiências dos povos em vários períodos da



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) & SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

história, levando em consideração as práticas religiosas como manutenção de uma cultura dos inúmeros povos africanos. Nesse sentido, a Lei 10.639/03 tem como princípio colaborar com

a erradicação do racismo. Ao indagar aos participantes das entrevistas sobre racismo obtive várias repostas:



Gráfico V- Respostas dos discentes

Ao analisar as respostas dadas pelos entrevistados (as) é notório que muitos discentes entendem o racismo como uma perseguição a pessoa da pele negra, e outros acreditam que o racismo seja uma violência contra uma pessoa. Entretanto, esses discentes apenas conseguem entender o racismo em relação ao preconceito de cor, não levando em consideração que o racismo pode operar no sistema de ensino de várias formas.

Como salienta a professora Azoilda Trindade (1994) em sua dissertação de Mestrado em Educação intitulada “O Racismo no Cotidiano Escolar,” o racismo apresenta inúmeras manifestações que são naturalizadas no âmbito educacional. Segundo a autora a prática racista ocorre desde quando o aluno (a) entra na instituição de ensino com o currículo, com os debates dos professores, com a matrícula, com a escola que está sendo destinado, a “clientela” de cada escola, a forma e sua “relação com o racismo, na medida em que há uma imposição de organização que nega e desvaloriza as outras existentes, na medida em que ela disciplina, pré



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

- nforma, deforma, padroniza, limita possibilidades, hierarquiza, classifica” (TRINDADE, 1994, p. 64).

Trindade (1994) acrescenta que o racismo está intrínseco também na escolha das turmas que devem trabalhar com os alunos angelicais ou aqueles pestinhas. Os professores estão sempre elaborando o planejamento de acordo com a clientela. Nesse momento o (a) docente inicia o processo de hierarquização ao selecionar de acordo com o perfil do discente o que eles/elas irão aprender; nessa direção a sala de aula configura-se como espaço de dominação, colabora para a dominação dos corpos e das falas dos alunos (as). Por meio de correção o professor inibe a criança e muitas vezes impossibilita que ela expresse seus pensamentos e desenvolvimentos cognitivos. Nesse sentido, para a autora, é na sala de aula,

que aprenderemos cotidianamente, às custas de muito exercício de repetição, de embotamento da criatividade, de assujeitamento (submissão), de quem é o "melhor", o mais desenvolvido, o à imagem e semelhança de Deus, a matriz étnica (racial e cultural) mais avançada, evoluída; uma única possível por ser a melhor maneira, e não a única, de ver, sentir, entender o mundo (TRINDADE, 1994, p. 71).

A partir da reflexão apontada pela professora Azoilda Trindade, a escola como espaço tende a desenvolver o racismo subjetivamente manifestado em várias fases do processo escolar, desde o acesso do aluno (a) a instituição de ensino. Portanto, o discente que futuramente atuará na Educação Básica (séries iniciais), Educação de Jovens e a Adultos (EJA), Educação Especial, não pode correlacionar o racismo apenas a cor de pele como o marcador do processo racista. Assim, cabe a instituição de ensino promover ao educando (a) mecanismos e habilidades para combater o racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira e que é reproduzido na escola, implicando no fato de que o discente precisa estar apto na sua formação para uma inflexão teórica sobre as possibilidades concretas de construção de uma educação para as relações étnico-raciais.

Ao examinar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, pude notar que esta enfatiza a importância do profissional da educação para lecionar com a pluralidade e com os princípios Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades” (BRASIL, 2010, p. 16). “Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

judicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e cultural”

(Ibidem).

Essas diretrizes expressam a relevância de que o profissional da educação esteja preparado para atuar com várias culturas e possua a sensibilidade de entender que não existe

apenas um modelo de estética. É de suma importância que na escola a criança possua conhecimento de novas estéticas, valores culturais que são produzidos por vários povos, que foram construídos pelos povos Yoruba, Gegê, Bantos, Ifa, entre outros povos negros do processo diaspórico.

As Diretrizes operacionais da Educação de Jovens e Adultos trazem propostas educacionais para os professores na elaboração do currículo, para que possam atender a demanda da instituição de ensino. Desta forma, é necessário que o professor compreenda quem são os atores sociais desse processo.

Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos são pessoas jovens, adultas e idosas da classe trabalhadora, que ao longo da sua história, não iniciaram ou mesmo interromperam a sua trajetória escolar em algum ou em diferentes momentos de sua vida. São mulheres e homens que sofrem severamente as consequências de uma lógica estrutural capitalista, notadamente injusta e perversa. São moradores da cidade e do campo, trazem a marca da exclusão social e buscam assegurar a sobrevivência do seu grupo familiar. Estão compreendidos na diversidade e multiplicidade de situações relativas às questões étnico-raciais, de gênero, geracionais, culturais, regionais e geográficas, de orientação sexual, de privação da liberdade, de população em situação de rua e de condições físicas, emocionais e psíquicas. Integram os mais diversos grupos sociais, participantes ou não de movimentos populares e sociais (BRASIL, 2000, p. 13).

Esse é mais um desafio proposto não somente para os discentes, mas para a instituição de ensino que forma esses futuros professores. Podemos dizer que a escola preparou esses discentes para trabalhar com essa diversidade? Ao retornar ao tema principal do nosso tópico busco respostas dos alunos (as) que possam ajudar a compreender quais os desdobramentos dos recursos utilizados pela escola para formação desses discentes. Ao entrevistar a discente E, nos relata a sua experiência durante o estágio,

- Eu realizo estágio numa escola privada sem remuneração. Nessa escola tem o menino de negro que sofre racismo por parte dos colegas, como é uma escola particular poucas crianças são negras e na turma dele é o único. Alguns meninos brancos discriminam ele devido a cor da pele. Conversei



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

com a Diretora sobre o que eu observo durante as aulas. Ela informou que falou com os pais do aluno que discrimina a criança negra. Quando perguntei a Diretora qual foi a reação da mãe do aluno. Em resposta a Diretora me contou que a mãe da criança abrandou a situação como fosse coisa de criança. (Discente E, autodeclara-se preta (o), entrevista concedida em 12/09/2018).

A situação relatada pela Entrevistada E ocorreu durante o estágio. Ao longo do curso o discente tem a possibilidade de realizar o estágio de observação, co-participação e participação. O estágio é o momento em que o discente tem contato com a realidade escolar e a possibilidade de correlacionar teoria e prática. Na fase da participação, é o momento, para o estudante do curso de Formação de Professores, de maior contato com as atividades práticas de sala de aula.

A discente O nos relata, sobre o isolamento de uma criança por causa das práticas discriminatórias, “na escola que eu faço estágio tem o aluno que por ser rejeitado pelos colegas de turma devido aos apelidos, como caquinho que se refere “macaquinho” a criança não sente estimulada a participar das aulas” (Discente O, autodeclara-se preta, entrevista concedida em 11/12/2018).

Ao indagar a discente O sobre como a escola a preparou para perceber essas práticas racistas no contexto educacional. Ela nos respondeu “que a instituição de ensino não preparou para tal situação presenciada no Estágio. O seu olhar apurado se deu pois sofreu racismo na escola quando estudava na educação infantil”. Discente O, autodeclara-se negra, entrevista concedida em 11/12/2018).

Com base no relato do (a) discente, a escola ainda continua sendo um espaço de luta em prol de uma educação antirracista, principalmente no curso de Formação de Professores, que tem como incumbência preparar os futuros profissionais para uma educação das relações étnico-raciais. Como descrito na resolução CEP/CEB 04/10, em seu capítulo II sobre a Educação Básica.

Art. 14 - A base nacional comum na Educação Básica constitui-se de conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania; e nos movimentos sociais.

§ 1º Integram a base nacional comum nacional:

- a) a Língua Portuguesa;
- b) a Matemática;



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

c) o conhecimento do mundo físico, natural, da realidade social e política, especialmente do Brasil, incluindo-se o estudo da História e das Culturas Afro-Brasileira e Indígena (BRASIL, 2010, p. 6).

Como descrito acima, o professor que atuará com a Educação Básica tem como propósito apresentar na sua estratégia educacional por meio de plano semestral, o conteúdo

programático que será abordado ao longo do ano letivo. Nele deve estar incluso a história das culturas afro-brasileiras.

Nesse aspecto, ao indagar sobre a educação das relações étnico-raciais durante o curso, o (a) discente U nos informa que “aprendeu ao longo do curso muitas coisas sobre a cultura africana já que no ano anterior na escola teve vários eventos como por exemplo: a feira do folclore, desfile da beleza negra, jongo” (Discente U, autodeclara-se branco, entrevista concedida em 17/12/2018). Acrescenta que durante a aula de uma professora o tema da discriminação racial foi abordado. Como surgiu o interesse pelo tema assistiu um vídeo no qual ficou emocionado. Ao indagar a professora se ocorreu práticas racistas durante a aula, segundo ele a resposta que obteve,

-Fomos orientados (as) quando ocorrer esses episódios em sala de aula. Convidar os genitores do aluno que praticou a discriminação racial e comunicá-los sobre o episódio. E pedir aos pais que não venha puni-la com força física. Nesses casos a melhor forma de solucionar o problema é por meio do diálogo com a criança que cometeu a prática racista (Discente U, autodeclara-se branco (a), entrevista concedida em 17/12/2018).

Ao analisar a narrativa do discente, observamos que a orientação dada para os estudantes do curso fica limitada somente em narrar os fatos para os genitores que discriminou o aluno negro, não levando em consideração que esses dois atores estão passíveis de diálogos. De fato, tem-se que analisar quais os efeitos do racismo no contexto escolar e tais práticas “precisam ser duramente criticadas e banidas. É um caminho que conduz à valorização da igualdade nas relações” (CAVALHEIRO, 2010, p. 150).

Assim, ao indagar a todos os discentes da pesquisa sobre como trabalhar com a diversidade étnico-racial, todos informaram que não se sentiam preparados para lecionarem em relação ao desafio que os esperam no cotidiano escolar. Alguns desses educandos, não conseguem entender a necessidade de trabalhar com a diversidade étnico-racial e a sua relevância no contexto educacional como relata a Discente U.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

- A escola não me preparou para trabalhar com a diferença entre escola privada e pública; a diferença inter-racial entre negros e brancos; com a discriminação racial; muito menos com ausência de recursos de materiais didáticos. Aqui, na escola temos que ter vários materiais tudo é tão bonito. Ao longo do Estágio presenciei professora sendo chamada de macaca por

aluno; alunos negros ofendendo uns aos outros; na escola pública é pior, os alunos não possuem respeito com o colega e as matérias são bem diferentes da escola privada. A escola não me preparou para esse contraste. (Discente U, autodeclara-se branco, entrevista concedida em 12/12/2018).

Ao analisar a resposta do futuro professor U podemos entender que a instituição de ensino enquanto formadora ainda não consegue fechar a lacuna quando o tema é a educação das relações étnico-raciais. Nesse contexto, o chão da escola, composto por vozes que são frutos do processo de diáspora da população negra, da miscigenação, da entrada de imigrantes, ainda sofre por consequência de uma fabulosa estória do mito da democracia racial.

Nesse sentido, a construção histórica de uma nação cabe a todos os povos que habitam nela: negros, brancos, asiáticos, indígenas, alemães, entre outros. E todos que fazem parte dessa construção devem ser incluídos na Historiografia da educação Brasileira. Segundo Munanga (2005) a ausência de um desses grupos étnicos que participaram pode ser entendida como racismo, e a inserção de todos esses grupos étnicos pode ser compreendido como igualdade.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p. 16).

A partir da reflexão de Munanga, é de suma importância pensar numa formação educacional na qual o mecanismo da pirâmide humana e hierarquização de saberes não seja base e fundamentação teórica para nenhuma área de formação na sociedade, principalmente para o profissional da educação que colabora com a formação de cidadãos e cidadãs. Podemos



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

concluir que a educação das relações étnico-raciais propõe um novo olhar e novas perspectivas de aprendizagem para o educando.

CONSIDERAÇÕES PONTUAIS

Mediante os fatos expostos, pudemos observar que no curso de Formação destinado ao magistério no momento da realização da pesquisa, a proposta de uma educação voltada para todos os grupos étnicos ainda permanece com uma lacuna. Embora, esse ensino esteja contemplado dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Percebe-se, portanto, que a legislação educacional no contexto escolar ainda é abordada na instituição de ensino por alguns profissionais de ensino e outros não.

Essa dualidade de informações no campo educacional demonstra que a instituição de ensino como um espaço de disputas políticas e ideológicas, organiza-se em torno de múltiplos interesses. A cerca desta lógica, a legislação tem como princípio a desconstrução de práticas racistas e preconceituosas ao longo da história, tendo como princípios que “as desigualdades raciais ou de gênero, como quaisquer outras, não se inscrevem na lógica da natureza, mas na lógica das relações. [...] São socialmente criados; podem e devem ser politicamente oprimidos” (SISS, 2003, p. 34).

Por outro lado, a aplicabilidade da Lei no curso de Formação de Professores possibilita que o (a) discente possa construir o pensamento a partir do repertório da população negra, no qual apresenta uma cosmologia de construção do mundo a partir das lentes e histórias dos povos africanos, respeitando as diferentes experiências dos povos em vários períodos da história, levando em consideração as práticas religiosas como manutenção de uma cultura dos inúmeros povos africanos.

REFERÊNCIAS



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

BRASIL, **Lei n.º. 9394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 05 nov. 2017.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.** Brasília, 2003. Disponível em: Acesso em 09/12/2023

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: História.** Secretaria de Educação Fundamental – Brasília – MEC/SEF, 1998. Acesso em: 08 nov. 2023

CANDAU, Vera. M. F. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio.F.B. e CANDAU, Vera.M. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

CAVALHEIRO, Eliane. (Org.) **Racismo e Anti- Racismo na Educação: Repensando nossa escola.** Rio de Janeiro: Editora Selo Negro, 2001.

COSTA, M. C.; SILVA, K. A. da. ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p. . **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 340–347, 2022. DOI: 10.26512/les.v23i2.43715. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/43715>. Acesso em: 15 jan. 2024.

FRANCISCO, Maiza, S. A dificuldade de acesso do afrodescendente à escolarização. **Revista Repecult Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura** [online] 2018, vol. 13, jan/abril, p. 11-50.

FRANCISCO, Monica. S. Discursos sobre colorismo: educação étnico racial na contemporaneidade de. **Ensaios Filosóficos**, Rio de Janeiro, v. XVIII, p. 97-109, 20 out. 2018. Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo18/07_FRANCISCO_Ensaios_Filosoficos_volumeXVIII.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2019.

GOMES, Nilma. L. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na Educação Brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, n. 1, p. 109-121, 2011

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada** / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB**, UFF, Niterói, Ed. da UFF. 2004.

SISS, Ahyas. **Afro-brasileiros cotas e ação afirmativas: razões históricas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2003

SISS, Ahyas. Afro-brasileiros e qualidade da educação: transformações e possibilidades. **Revista Boletim Interfaces da Psicologia** da UFRural RJ, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 16-25, 2009.

SISS, Ahyas. **Democracia Racial, Culturalismo e Conflito no Imaginário dos Não-Brancos**. Dissertação (mestrado). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ. 1994. mimeo.